



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA: o olhar dos estudantes das escolas sobre os povos originários do Brasil

Joselaine Dias de Lima SILVA (UFGD – Dourados)¹
Éder da Silva NOVAK (UFGD – Dourados)²

RESUMO: Este trabalho apresenta os dados da sondagem dos questionários de pesquisa, proposta no projeto de extensão “Aproximando universidade e escola, teoria e prática: oficinas de história e cultura indígena”, da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), desenvolvida com estudantes do ensino médio e do 9º ano do ensino fundamental nas escolas estaduais e municipal de Sete Quedas, MS, durante o ano de 2022. A sistematização das respostas ao questionário indica a forma como os estudantes compreendem e enxergam os povos indígenas no Brasil, suas histórias e culturas. Trata-se de resultados que apontam a necessidade da desconstrução de estereótipos que permanecem na sociedade brasileira em relação a História e Cultura Indígena e que denotam as limitações e os desafios da efetivação da lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino da temática indígena em toda a educação básica.

Palavras-chave: Ensino. Escola. Lei 11/645/2008.

Introdução

O trabalho trata a respeito da temática indígena e procura averiguar os avanços e os desafios na efetivação da Lei 11.645/2008, que promulgou a obrigatoriedade sobre história e culturas indígenas nas escolas públicas e privadas nos níveis da educação básica, destacando a necessidade de desprender-se de um pensamento único e universal (BRASIL, 2008).

A questão remete a discussões e reflexões no campo do ensino, a fim de compreender a forma como são vistos os povos indígenas na atualidade. Isto porque perpetua no imaginário da população brasileira a existência indígena centrada em um passado remoto.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História – PPGH da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: joselainesilva_9@hotmail.com

² Doutor em História, professor da graduação e pós-graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). E-mail: edernovak@ufgd.edu.br



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Neste sentido, com a intenção de abarcar o debate, obter conhecimentos sobre o assunto, e propor ações sobre a temática, tem sido desenvolvido o projeto de extensão “*Aproximando universidade e escola, teoria e prática: oficinas de história e cultura indígena nos campos de estágio*”, que colabora com a efetivação da lei supracitada. O projeto é desenvolvido em algumas escolas dos municípios do Estado do Mato Grosso do Sul, e consiste inicialmente numa sondagem junto aos estudantes do ensino médio sobre a temática indígena que auxilia na elaboração e planejamento de oficinas posteriormente executadas nas escolas. O desenvolvimento da pesquisa conta com a participação de acadêmicos do curso de licenciatura em História, e da pós-graduação em História da UFGD.

Metodologia e desenvolvimento

Nessa perspectiva, toma-se o método como a ação do fazer, ou seja, o modo de orientar-se e proceder em meio aos dados coletados, incluindo as decisões tomadas pelos pesquisadores. Sendo assim, o próprio método, passa a ser concebido como instrumento de trabalho (GRESPLAN, 2005, p. 293).

Em diálogo com a secretaria municipal de Educação, com os gestores e docentes da disciplina de História das Escolas Estaduais e Escola Municipal de Sete Quedas, MS, por intermédio de uma participante de equipe do projeto, aplicou-se no mês de junho de 2022, os questionários de pesquisa destinados aos estudantes das seguintes escolas: Escola Municipal Inácio de Castro; Escola Estadual 4 de Abril; Escola Estadual Guimarães Rosa e Escola Estadual 13 de Maio.

O questionário foi aplicado de forma presencial, mas antes de sua aplicação foram apresentadas informações acerca do projeto de extensão que tem sido realizado em escolas de outros municípios. Foi esclarecido aos participantes a importância da colaboração de cada um com a pesquisa, e que lessem atentamente cada questão respondendo de acordo com os conhecimentos que possuem sobre o assunto, de modo a escolherem uma das alternativas propostas.

Ao todo 295 estudantes responderam aos questionários, sendo 131 da escola estadual 13 de Maio; 104 da escola estadual Guimarães Rosa e 60 das escolas estadual 4 de abril e municipal Inácio de Castro. Nas duas últimas escolas citadas a pesquisa contemplou também o 9º ano do ensino fundamental, pois a escola 4 de





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Abril tem um número reduzido de estudantes no ensino médio e a escola Inácio de Castro não oferta o ensino médio.

O questionário é composto de um total de oito (8) perguntas, todas de alternativas objetivas de múltipla escolha. O questionário enquanto técnica de investigação é "composto por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, e situações vivenciadas" (GIL, 1987, p. 124).

É uma técnica bastante viável e pertinente para ser empregada quando se trata de problemas cujos objetos de pesquisa correspondem a questões em experiências vividas, conhecimentos adquiridos sobre determinado assunto, ou ainda, na observação das coisas. Neste sentido, as respostas dadas às questões é o que proporciona os dados requeridos para melhor se compreender sobre os conhecimentos que os estudantes possuem a respeito da temática indígena nos espaços escolares, e se de fato a Lei 11.645/2008 tem sido efetivada no intuito de apresentar a diversidade étnica, histórica e cultural dos povos nativos, de tal modo que a referida lei seja abordada levando em consideração a urgência em romper com as generalizações, estereótipos e preconceitos que recaem sobre esses povos.

Considerando que a coleta de dados ocorreu por meio de pesquisa institucional, tendo como foco a realidade regional e estadual e por base a pesquisa empírica, utilizou-se das respostas dos questionários no trânsito das idas e vindas entre a prática e a teoria para elaborar o diálogo com o texto escrito.

Os Quadros de 1 a 8 apresentam em seu título o enunciado das questões de sondagem aplicadas aos estudantes, as opções de respostas por meio dos textos da alternativa (A-B-C-D-E), e a quantidade por escolha dos estudantes.

Quadro 1 - "Os índios do Brasil estão acabando?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Não, porque há muitos projetos assistencialistas do governo e os indígenas vêm tendo muitos filhos para se beneficiarem desses projetos.	21
B	Sim, porque os índios estão sendo mortos por doenças e assassinados por práticas de violência desde a chegada dos europeus.	7
C	Sim, porque eles estão cada vez mais nas cidades, deixando de ser indígenas de verdade e utilizando objetos da sociedade não indígena.	14



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

D	Não, nos últimos 30 anos houve um aumento da população indígena devido aos direitos conquistados na Constituição de 1988, nas áreas da saúde, educação e demarcação de terras.	19
E	Sim, devido a todos os processos de violência, como por exemplo, no período da Ditadura Militar, em que foram mortos mais de oito mil indígenas e mesmo após o fim da ditadura a população indígena continua diminuindo.	14
Total das respostas		75

Fonte: UFGD, 2022.

Com base no Quadro 1 obteve-se um total de trinta e cinco (35) na soma das (alternativas, B, C e E) pelo qual os participantes da pesquisa acreditam equivocadamente que a população indígena continua reduzindo. Na alternativa A, obteve-se vinte e uma (21) respostas considerando que os indígenas não estejam acabando, entretanto, entendem que os indígenas são submissos a tutela do Estado. Dezenove (19) optaram pela alternativa D respondendo corretamente e reconhecendo o aumento populacional indígena nas últimas décadas.

Quadro 2 - "O índio verdadeiro é aquele que vive pelado na floresta?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, porque só assim ele se relaciona com as suas verdadeiras origens indígenas e à preservação das tradições culturais de seus antepassados.	11
B	Sim, pois quando ele se transfere para as zonas urbanas, conseqüentemente se moderniza, ganha a cidadania brasileira e perde a sua identidade cultural, ou seja, deixa de ser indígena.	5
C	Não, pois em muitos casos o indígena foi civilizado pelo indivíduo não indígena, se adequando à cultura do homem branco e às normas do sistema capitalista.	15
D	Não, pois as culturas são dinâmicas e se alteram de acordo com cada contexto histórico e, assim como qualquer outra pessoa, o indígena também passou por transformações em suas formas de vida.	42
E	Sim, pois se viverem nas cidades vão usar objetos da cultura do homem branco e perder a identidade indígena, assim como um brasileiro deixa de ser brasileiro quando usa uma roupa árabe ou saboreia uma comida japonesa.	2
Total das respostas		75

Fonte: UFGD, 2022.

Ao considerar os dados do Quadro 2, na qual traz em seu enunciado uma questão que consiste no imaginário da sociedade brasileira: a imagem genérica e estereotipada que muitas pessoas possuem, conduz para o equívoco sobre quem são os povos originários. Um total de quinze (15) participante optaram por essa alternativa C. Em relação as alternativas B e E, sete (7) consideram que quando o indígena vive na cidade, veste roupas, possuem celular, entre outros pertences, deixam de ser "índio". O total de quarenta e duas (42) pessoas optaram pela



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

alternativa D, expressando um ponto de vista de extrema relevância, ao compreenderem que as culturas são dinâmicas, possuem a capacidade de modificar seus hábitos, e altera-los de acordo com o meio que o cerca e com o tempo.

Quadro 3 – “Os indígenas do Brasil falam a língua Tupi?”

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, o projeto colonizador no Brasil aniquilou as línguas indígenas, com o uso de forte violência, sobrando uma língua indígena, que é a Tupi.	15
B	Não, na verdade ainda existem três línguas indígenas faladas no Brasil: Tupi, Tapuia e Guarani.	38
C	Não, pois Tupi não é uma língua indígena, mas sim um tronco linguístico, composto por famílias linguísticas, diversas línguas e dialetos, como o Guarani e o Kaiowa.	9
D	Não, pois ao todo são 274 línguas indígenas ainda faladas no Brasil, organizadas em troncos e famílias linguísticas, mas que não têm importância na história do Brasil e nem mesmo para os povos indígenas da atualidade.	5
E	Não, são centenas de línguas indígenas ainda presentes no Brasil, mas somente faladas pelos índios mais velhos, pois os mais novos só falam a língua portuguesa.	7
Total das respostas		74

Fonte: UFGD, 2022.

Demonstrada esta questão, é possível verificar no Quadro 3 que sessenta (60) estudantes marcaram as (alternativas A, B e E), acreditando que as línguas indígenas estão se acabando. Outros cinco (5), assinalaram a (opção D), considerando que são 274 línguas indígenas faladas no Brasil, organizadas em troncos e famílias linguísticas, mas que nada representam para o Brasil e nem para os indígenas da atualidade. E apenas nove (9) assinalaram a alternativa correta (C), deixando claro a urgência de debater o assunto e assim apresentar a diversidade de línguas e etnias indígenas existentes no país.

Quadro 4 - “Os indígenas do Brasil vivem em ocas?”

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Não, todos os indígenas viveram em ocas até o século XVI e evoluíram após o contato com os europeus, construindo diferentes formatos de casas, graças à ajuda dos colonizadores	15
B	Sim, apesar dos novos aprendizados com os colonizadores, a maior parte dos indígenas ainda vive em ocas, no meio do mato, com sua forma primitiva de vida.	22
C	Não, pois as formas das casas variam segundo os costumes e a historicidade de cada etnia, podendo ter vários formatos, com diferentes tamanhos e a utilização de diversos materiais.	31
D	Sim, pois os indígenas são pobres e suas condições socioeconômicas só	2



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

	permitem construir ocas por todo o Brasil.	
E	Sim, pois a historicidade de cada etnia é importante para entender suas transformações culturais, inclusive nas suas casas, e quem vive hoje em casa de alvenaria deixou de ser indígena.	4
Total das respostas		74

Fonte: UFGD, 2022.

Dado o fato de que há uma considerada parcela dos estudantes que ainda acredita que o verdadeiro “índio” é aquele que vive em ocas, vinte e sete (27) optaram pelas (alternativas B, D e E). Quinze (15) maracarm a (opção A), agregado ao discurso colonizador, encontrado muitas vezes nos livros didáticos de história, ao abordarem a história indígena congelada no tempo, criando contínuas reproduções colonizadores, na perspectiva e olhar europeu. Trinte e um (31), escolheram a (alternativa C), tomando a diversidade das casas, tamanhos e suas formas de acordo a organização social e política de cada etnia.

Quadro 5 - “Os povos indígenas do Brasil são preguiçosos?”

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, pois os indígenas nunca trabalharam na história do Brasil e sempre viveram de projetos assistencialistas dos poderes públicos ou pedindo esmolas nas cidades.	5
B	Não, pois a mão de obra indígena foi utilizada em todos os períodos da história do Brasil, inclusive na atualidade, sendo decisiva para a constituição e formação do país.	34
C	Sim, pois enquanto a nossa visão é de uma sociedade capitalista, baseada em produção de excedentes, acúmulo, consumo e lucro, os indígenas ficam esperando as coisas caírem do céu para terem o que comer.	8
D	Sim, pois somente trabalharam no período que a escravidão era legalizada, ou seja, quando eram forçados por um agente da colonização.	3
E	Não, eles não são preguiçosos, apenas possuem uma concepção diferente de trabalho, se preocupando apenas de forma individual, sem compromissos com a sua família e a sua comunidade.	24
Total das respostas		74

Fonte: UFGD, 2022.

Diante do questionamento “os povos indígenas do Brasil são preguiçosos?” exposto no Quadro 5, o total de quarenta (40) estudantes assinalaram as alternativas A, C, D e E, reproduzindo a forma que o colonizador estabeleceu que o indígena era, por natureza, preguiçoso, incapaz, ingrato, desonesto e inferior. Para a (alternativa B), trinta e quatro (34) alunos direcionaram suas respostas reconhecendo que os povos originários, como pessoas que participaram da formação do país, não como meros coadjuvantes.



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Quadro 6 - "Os povos indígenas do Brasil são primitivos?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Não, o conhecimento indígena foi (e continua sendo) muito importante para a formação do Brasil, como nas áreas de medicina, astronomia, linguística, engenharia, arquitetura, geografia, entre outras.	23
B	Sim, os indígenas não foram capazes de desenvolverem tecnologias e conhecimentos, conforme revelam as pesquisas arqueológicas já realizadas no Brasil.	12
C	Sim, por isso os indígenas vêm ocupando os espaços nas universidades e nas demais estruturas de poder político, educacional, social, porque descobriram que nas suas comunidades não há conhecimento	13
D	Não, os indígenas evoluíram a partir do contato com os europeus e passaram a produzir conhecimento, pois até 1.500 eram povos primitivos, sem nenhuma organização social, política e econômica e sem conhecimento e tecnologia.	21
E	Sim, o saber e conhecimento indígena é escasso e não tem serventia nesse mundo globalizado e industrializado.	3
Total das respostas		72

Fonte: UFGD, 2022

O Quadro 6 demonstra que um número considerável de vinte e três (23) participantes optaram corretamente pela (alternativa A), reconhecendo os conhecimentos indígenas importantes para toda sociedade. Outros, no entanto, acreditam no primitivismo indígena e escolheram as (alternativas B, C e E), pois consideram que nas comunidades indígenas não há conhecimentos. E vinte e um (21) estudantes com efeito, a partir da visão evolucionista, optaram pela (alternativa D), permanecendo na abordagem do primitivismo.

Quadro 7 - "No Brasil os indígenas têm muita terra?"

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, por todas as regiões brasileiras os indígenas são donos de grandes áreas de terras, embora seja uma população insignificante na demografia brasileira.	13
B	Não, os territórios indígenas foram invadidos a partir do período de colonização e na maior parte dos estados brasileiros não há sequer uma Terra Indígena demarcada	16
C	Não, os indígenas do Brasil não têm muita terra e as que possuem precisam ser destinadas ao agronegócio para o aumento da produção agrícola e desenvolvimento do país.	10
D	Sim, pois os indígenas da atualidade não precisam de terras, já que estão civilizados e podem morar nas cidades, liberando as terras para os latifundiários e a produção agrícola.	12
E	Não, pois os indígenas não têm a efetiva posse das terras, mas apenas o seu usufruto, não podendo vender as terras, que na sua maioria são as áreas de natureza preservada que sobraram no Brasil.	21
Total das respostas		72

Fonte: UFGD, 2022.

O Quadro 7 traz em seu enunciado uma questão abrangente sobre as terras indígenas no Brasil. No entendimento de que os indígenas não detem a efetiva





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

posse das terras, mas o seu usufruto, vinte um (21) assinalaram corretamente a alternativa E. A escolha de vinte e cinco (25) estudantes pelas (opções A e D) apresenta um desconhecimento sobre o assunto, quando deduzem que os povos indígenas possuem muita terra no território brasileiro. Dezesesseis (16) maracaram a alternativa B e reconhecem que os indígenas não têm muita terra, mas ignoram a presença indígena em todos os estados brasileiros. A alternativa C foi escolha de dez (10) participantes que concordam que os indígenas não possuem muita terra, entretanto, na opinião destes, as terras que os indígenas possuem deveriam ser destinadas a produção agrícola. Permanece no imaginário de muitos estudantes que o indígena não trabalha e “quer terra para que?” Essa visão é preocupante pois está direcionada ao desenvolvimento capitalista, com uma forma típica, e estereotipada de dizer que o indígena não produz.

Quadro 8 - “No estado de Mato Grosso do Sul os indígenas têm muita terra?”

Alternativa	Texto da alternativa	Total
A	Sim, pois a população indígena de Mato Grosso do Sul é muito pequena em relação a grande extensão territorial das Terras Indígenas demarcadas.	13
B	Sim, os povos indígenas não necessitam de terras, pois muitos deles moram na área urbana e já foram integrados à civilização.	11
C	Sim, eles têm muitas terras que não são bem utilizadas, não produzem nessas terras e não contribuem com a economia do estado.	10
D	Não, pois o Mato Grosso do Sul é o segundo estado brasileiro em população indígena e as Terras Indígenas demarcadas correspondem a apenas 1,6% de toda a extensão territorial do estado.	30
E	Não, as Terras Indígenas demarcadas no estado são insuficientes para o grande número de indígenas que deseja tomar as terras dos agricultores e prejudicar o agronegócio.	8
Total das respostas		72

Fonte: UFGD, 2022.

O Quadro 8 destaca em seu enunciado a questão: *“No estado de Mato Grosso do Sul os indígenas têm muita terra?”* direcionando desse modo o questionamento ao estado em que vivem os participantes da pesquisa. Nessa sondagem optaram pelas alternativas, A, B, e C trinta e quatro (34) estudantes, considerando que as etnias do estado Mato Grosso do Sul possuem muita terra. Oito (8) consideram que não há muitas Terras Indígenas demarcadas, entretanto, acreditam que os indígenas pretendem tomar as terras e prejudicar o agronegócio. E trinta (30) dos estudantes escolheram acertadamente a alternativa D, tomando, assim, Mato Grosso do Sul, o segundo estado brasileiro em população indígena,



VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

com apenas 1,6% de todo o seu território legalmente demarcado enquanto Terra Indígena.

Considerações finais

A partir dos dados apresentados, as escolhas das alternativas, é possível perceber a forma como a maioria dos estudantes veem os indígenas. Remete-se ao entendimento de que são todos iguais, de forma generalizada. São escolhas de alternativas que chamam a atenção, pois é demonstrado a partir do questionário de sondagem do Projeto de Extensão, e da sintetização dos resultados, os desafios que precisam ser enfrentados, para a efetivação da Lei 11.645/2008, nos espaços escolares.

O discurso que cria o indígena como marginal e periférico correspondente ao projeto colonial, aos interesses políticos e econômicos. As representações são fortes e consistentes, de tal modo que levam a crer que se trata de sujeitos estáticos e que não ocorreram mudanças com o passar dos anos. Sobre o imaginário, pode-se dizer que trata-se de “uma extensão da realidade palpável, muitas vezes, confundida com a realidade. O imaginário pode, como memória, retroagir sobre o passado, como convicção ou desejo de influenciar o presente”(SUESS, 1997, p. 30).

Em diálogo com esse pensamento, concorda-se na urgência em apresentar para a sociedade, especialmente nos espaços escolares, outras imagens, outras visões e abordagens que se desvinculem da figura privilegiada do colonizador sobre o colonizado. Ou seja, é necessário desmontar as representações negativas do indígena improdutivo, atrasado, preguiçoso ou ingênuo.

Para John Monterio (1995) a história indígena lança no Brasil o desafio de recuperar o papel histórico desses sujeitos, revertendo o quadro hoje prevalecente, marcado pela omissão ou, na melhor das hipóteses, por uma visão simpática aos “índios” mas que enquadra como vítimas de poderosos processos externos à sua realidade.

O sujeito ideologicamente constituído pelos discursos que o cercam, remetem por exemplo, ao indígena como alguém que deveria viver na aldeia, e por vezes não são reconhecidos, ocupando diferentes espaços públicos. Isto porque há discursos que (re)produzem esse imaginário, por vezes, reiterado na escola.





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Nesse cenário, direcionando o olhar ao questionário de sondagem, os pontos fracos trazidos, nas respostas equivocadas apresentadas pelos estudantes, não devem servir para desestimular, mas, sim, para melhor direcionar sua condução. São reflexões necessárias a serem vistas e analisadas, a fim de mudar o olhar direcionado ao passado.

A proposta do projeto de extensão, após a sondagem inicial através dos questionários, é de aproximar universidade e escola. Ocupar os espaços escolares com a temática indígena por meio de oficinas, a fim de auxiliar na implementação da Lei 11.645/2008. A ideia é desconstruir estereótipos que permanecem na sociedade brasileira em relação a História e Cultura Indígena e, promoção um olhar mais crítico sobre os problemas enfrentados pelas etnias indígenas, sobretudo, do Mato Grosso do Sul (NOVAK; MENDES, 2021).

Tomamos o elo da aproximação entre universidade e escolas como uma ação e avanço considerável em prol a implementação da lei supracitada. São projetos como estes que ressignificam os sentidos, os conhecimentos e os olhares sobre a temática indígena.

Referências

BRASIL, **Lei n.º 11.645, de 10 março de 2008**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 11 mar, 2008. Disponível em: [L11645 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br). Acesso em: 28 junho. 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 1987.

GRESPLAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: PINSKY, Carla et alli. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 291-300.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da. GRUPIONI, Luis Donizete Benzi. **A temática indígena na escola**. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília, 1995.

NOVAK, Éder da Silva; MENDES, Luís César Castrillon. **Aproximando universidade e escola: ensino de histórias e culturas indígenas**. Jundiaí: Paco Editorial. 2021.

SUESS, Paulo. **Reconhecimento e protagonismo, apontamentos em defesa do projeto histórico dos Outros**. In: História do imaginário religioso indígena.org. Antônio Sidekum. Editora: Unisino, 1997.





VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

UFGD, Projeto de Extensão: **Aproximando universidade e escola, teoria e prática**: oficinas de história e cultura indígena nos campos de estágio. Curso de História, Faculdade de Ciências Humanas, Dourados-MS, 2022.

